

## 5. A Conquista Espanhola na Visão dos Vencidos

Morgana Gomes<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo discute de um ponto de vista dos vencidos os mecanismos de conquista que possibilitaram para que os espanhóis. Mesmo em minoria, o recurso a intrigas políticas e o aproveitamento da instabilidade na unidade imperial, permitiram a consolidação da conquista. Avaliamos no artigo tanto as consequências da conquista espanhola para a transformação na vida dos indígenas compreendidos no território Inca por volta 1500, como também a resistência desses contra a dominação. Pretende-se chamar atenção para violência usada contra os indígenas, desrespeitos contra suas tradições, religião e arte, salientando a ganancia e a crueldade por quais os espanhóis agiam, mesmo que munidos da graça divina como motivador e protetor de sua conquista.

**Palavras-chave:** Conquista, Incas, Indígenas, violência, espanhóis, resistência.

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de História do Centro Universitário de Brasília (UniCeub).

## 1. Introdução

Identificar quais foram os mecanismos de conquistas que tornaram possível a conquista dos Incas, pelos espanhóis, apesar destes se resumirem a uma minoria de 200 homens no máximo, contra um império que se estimava em 200 mil homens guerreiros. Mostrar como esses mecanismos permitiram que os espanhóis saqueassem, escravizassem, abusassem e submetessem a cultura Inca injustamente, sem escrúpulos ou misericórdia, tudo isso possibilitado pelo emprego da força sobrepujando uma religião, impondo novos valores, reorganizando e realocando por meio de guerras os povos indígenas, aproveitando-se de seus problemas políticos que balançavam o império e pela proliferação de doenças vindas nos convés, como desenvolvidas pela mudança de hábitos higiênicos, problema também trazidos pelos europeus. E finalmente expor a artil malícia em criar estratégias para aproveitar-se das guerras civis vividas pelos índios subordinados pelos Incas, e pela própria divisão em que o Império vivia em meados de 1530, conseguindo assim aliados dos próprios indígenas descontentes com a servidão e desconhecedores das capacidades atroz dos espanhóis em trair e dominar.

A intenção é também denotar a resistência indígena como heroísmo e desmistificar a imagem do europeu como um descobridor ou qualquer relação que ele possa ter de benfeitor na conquista da América. A falácia sobre levar a civilização às Américas desmorona no tocante a civilização Inca, em que a postura dos espanhóis permeia entre ganância, avareza, hipocrisia e violência.

Baseados em visões razoavelmente diferentes, dentre elas “ A Civilização Inca” de Henri Favre, que descreve a conquista com um ponto de vista mais arbitrário, e numa visão mais tendenciosa aos vencidos, “ A resistência indígena” de Josefina Olivia de Coll e “Os Mecanismos da Conquista Colonial” de Ruggiero Romano ajudam a destrinchar os elementos objetivados nesse estudo.

Esse artigo tem o intuito de estabelecer reflexões sobre o modo de conquista na América, focalizando na história da conquista Inca como exemplo de terror e atrocidade por meio das ações dos espanhóis, permitindo uma ótica que desvende a visão eurocêntrica perpetuada pelos resumos displicentes das conquistas na América repassados como conhecimento comum e acadêmico. O entendimento dos mecanismos que facilitaram e resultaram na conquista desse império e como foram aproveitados pelos espanhóis, imprime a imagem perniciosos desses, que ao chocarem-se com

alteridades, sobressaem seus interesses à misericórdia, permitindo que ajam por meio de crimes e abusos desmedidos, negando qualquer valor acrescidos a alteridade. Os conquistadores movidos pela ganância por ouro encontram pretexto de munir-se de qualquer atitude atroz de maneira indiferente, mesmo que junto a eles, sempre respaldados pela cruz.

O estudo dessa visão direcionada aos vencidos e a resistência desses contra esses mecanismos de conquistas tem por importância dar visibilidade a outro lado da História não tão comumente estudado. Entender esse processo por uma outra visão colabora para o entendimento da identidade latina-americana, que muitas vezes não se encaixam com a visão eurocêntrica repassada nas escolas e pesquisas pouco aprofundadas.

Como ocorreu a conquista dos povos do Império Tahuantinsuyo, seus mecanismos de conquistas e a resistência indígena contra esses mecanismos são os problemas que permeiam esse trabalho. A inquietação de como foi possível a conquista de número tão grande de indígenas, mesmo que possuidores de situação bélica inferior, ainda detinham claramente a vantagem contra os invasores que transpassam os objetivos desse estudo. As Guerras civis amparadas da dignidade própria da cultura indígena, e não de inocência advinda de primitivismo faz intrinsecamente parte da tentativa de entender esse fenômeno. Com intuito de sistematizar os fatos que caracterizaram a conquista, busca-se com a leitura de obras, como as já citadas, dentre outras, a reflexão e entendimento do que ocorreu e como ocorreu a queda do Império Inca.

Partindo do pressuposto de que as guerras civis travadas entre as distintas etnias e o Império Inca fragmentado por disputas de poder, tenham sido as principais características componentes para explicar a conquista de tão grande número. Objetiva-se por meio de pesquisas, baseadas principalmente em visões não eurocêntricas, encontrar explicações que comprovem essa ideia e a complete com os mecanismos de conquistas utilizados, como também, visibilizar as resistências indígenas, provas de que a conquista pelos europeus, traduzem mais um choque cultural e brutal, e não um encontro, choque este que os índios não receberam como destino e aceitação pacífica.

A metodologia utilizada por esse artigo tem caráter explicativo e utiliza-se dos meios bibliográficos para utilizar o método indutivo, que possibilita a apreensão dos problemas levantados. A escolha de bibliografia, no caso com ponto de vista dos vencidos, e a escolha do método dedutivo possibilita encontrar meios de enxergar o choque causado pela conquista espanhola e entender crises de identidades causadas pela

História Universal e eurocêntrica, o que possibilita encontrar por meio desses o entendimento que procura-se com os objetivos do artigo.

## **2. Desenvolvimento**

### *O choque com os espanhóis*

Por volta de 1520, quando os espanhóis já rondavam as costas do Império Inca, esse território compreendia Equador, Peru, Bolívia e partes do Chile e Argentina. O território era repartido em duas partes pelos herdeiros da morte de Huaina Cápac, os irmãos Atahualpa com a confederação quintenha, e Huáscar a qual cabia Cuzco.

Em abril de 1532 quando Francisco Pizarro, com o título de capitão geral chegava a Tumbes, a notícia correu até Atahualpa, mas este se encontrava em investidas contra o irmão, cada um com intuito de unificar o império sobe seu comando. Junto a Pizarro, faziam parte da equipe Almagro, nomeado depois governador e capitão geral, e por último, não menos importante o clérigo Fernando de Luque. Juntos compunham a liderança da expedição que conquistaria e dizimaria os índios.

O império Inca consistia numa civilização comum aos incas e mais um aglomerado de tribos menores conquistadas por estes, as quais eram obrigadas a fornecer tributos e submeter-se ao imperador. No entanto esses tributos eram realizados por meio de um rodízio de trabalhos chamados de mita, prestados aos curacas, sendo parte da obrigação destes curacas gratificarem aos seus trabalhadores parte do que era produzido, garantir segurança, moradia e cuidados. Estavam resguardados assim, não só os pertencentes a vez no rodízio de trabalho, mas todo o complexo que fazia parte das terras cabidas a um curaca, como crianças e viúvas eram também assistidas por ele. A adesão destas tribos a esse sistema de redistribuição era feita por meio de conquistas e guerras, no entanto é comum ler de alguns historiadores que antes de serem atacados, eram convidados a fazer parte do Império, tendo as benfeitorias sido expostas, para só em caso de recusa ser aplacado com a força do exército.

Cada irmão contava com o apoio de uma parte específica do império, sendo Atahualpa apoiado pelo grupo do norte, tendo convivido em meio ao exército em Quito, partilhava de sua lealdade e também da nova elite engendrada pelo aparelho de estado ou recrutada nas províncias periféricas, também o cercavam homens comuns em que Atahualpa acrescia mérito após se destacarem em alguma ação, sendo assim, era comum que o soberano escolhesse nas etnias setentrionais chefes de guerra nomeados em seu

exército. A Huáscar cabia o apoio do sul, as chefias antigas incaizadas, a etnia inca e cuzquenha, no entanto alguns cuzquenhos eram partidários voltados a Atahualpa, pois esse pertencia a mesma linhagem dos seus, o que deixava a elite de Cuzco não tão homogênea.

Então quando a Ameaça de Pizarro se fez contra Atahualpa, esse encontrava-se ocupado com as disputas de território com o irmão, e julgou o número de espanhóis tão pequeno que não o amedrontou-o, mas sem dúvida as suas características eram curiosas.

As várias tribos submetidas a Atahualpa também viviam em conflitos, desconhecedoras dos propósitos reais dos espanhóis, viram nesses uma maneira de se desfazer do controle Inca. Vistos que os espanhóis pretendiam lutar contra Atahualpa, os partidários de Huáscar acreditaram em uma possível aliança com os espanhóis, chegaram a mandar um embaixador e este voltou entusiasmado com o apoio estimulante em prol de Huáscar.

Como uma das características da política Inca estava em render outras pequenas etnias a sua unificação, era comum que o império estivesse sempre cercado de insurreições de aldeias recentemente agregadas, como também às tribos fronteiras ainda não conquistadas, mas temerosas em serem submetidas. Pizarro em suas primeiras passagens pelo território capturou alguns desses índios e deles obteve informações internas sobre a situação e deles também obteve proveito como tradutores, sendo que quando chegou para confrontar Atahualpa, já estava em processo suas estratégias contra o inimigo.

Alegando auxílio na libertação da tutela inca, e prometendo restaurar o poder do estado, Pizarro conquistou a confiança dos Karnarr, dos Chachapuya, dos Yana e de outras inúmeras etnias do mesmo modo em que havia atizado Huáscar para seu lado. No entanto sua maleabilidade ardilosa e o desrespeito para com os índios não começaram daí.

O mais simbólico encontro de traição e desrespeito deu-se na captura do imperador Atahualpa. No tocante ao trio de conquistadores, Pizarro, Almagro e Luque, Josefina Coll os descreve como “um porqueiro analfabeto, filho bastardo de um escudeiro; outro analfabeto ávido de glória, e um frade muito chegado a pedrarias”. (COLL, 1986). Os títulos de bispo, e capitão geral adquirido por eles vieram graças as extorsões dos objetos de ouro pertencentes aos indígenas, enviados a coroa que por sua vez nomeou-os por suas provas de benfeitorias. Somente aceitando a ignorância desses,

tomando de exemplo suas descrições que se pode traçar uma explicação para a selvageria e barbárie em que agiram para com Atahualpa, mas mesmo a ignorância não é explicação para esse ato hediondo, e no entanto, sabe-se que não foi a primeira vez que o continente europeu demonstrava esse tipo de comportamento para com outros povos.

### *A Captura de Atahualpa*

É importante lembrar, que até encontrar Atahualpa os espanhóis seguiram saqueando, assassinando e violando os que encontrassem por caminho. Mesmo deparando-se com as mais lindas peças trabalhadas em ouro, ou tecidos finíssimos que não se distinguia se era seda ou lã, os espanhóis se detinham em ignorar tais sinais de civilidade ou se quer ter respeito para com esses povos.

Em Cajamarca, onde encontrava-se Atahualpa rodeado pelas características de um soberano, chegou a mando de Pizarro um senhor como embaixador que exigia uma audiência do monarca com o espanhol. Atahualpa convidou-os a chegar a Cajamarca, e mesmo que as estradas fossem sinuosas e penosas, fáceis de criar emboscada, o grupo não encontrou dificuldades. Atahualpa honrou com sua hospitalidade, e quando irmão de Pizarro, Hernando, mais um antagonista funesto, exige uma entrevista imediata de Atahualpa, esse lhe trata com o protocolo de costume, os espanhóis beberam de seu vinho e usufruíram de sua hospitalidade. A entrevista é marcada para o dia seguinte, sendo que Atahualpa os encontraria com seus homens desarmados.

É então que a cilada é armada. Escondidos os homens do governador esperariam a aparição do imperador, e ao sinal de Santiago, todos saltariam e armados valeriam dos indígenas da mais covarde maneira já se vista nas matanças da história da América. Pizarro saiu de seu esconderijo e arrancou o imperador de sua liteira a socos que o desacordou, acordando mais tarde prisioneiro. Milhares de índios padeceram ali mesmo, mas a caçada continuaria no dia seguinte, totalizando mais de três mil índios prisioneiros.

Atahualpa entende, como entendera uma vez Montezuma no México, que a sede dos carcereiros era de ouro, e promete-lhes um aposento inteiro dele em troca de sua liberdade, o governador aceita, mas não o liberta. Mesmo preso seu exército continua com a ofensiva no sul, o que mais tarde não se sabe se por proveito dos espanhóis, ou de uma das tribos rivais, correu o boato que Atahualpa mandara matar seu irmão Huáscar. O que ocorreu foi que vencidos, Cuzco padeceu e Atahualpa unificou o império,

entretanto mantinha-se detido. Dadas as circunstâncias, Pizarro promoveu entre os povos que aos poucos fora aliando motivos completos para uma revolução social, mal sabia os yanás, povos tidos como servis, que sua situação seria muito mais precária sob o domínio espanhol, mas diante desse desconhecimento fomentaram verdadeiras insurreições.

Não é possível saber se a pressão para execução de Atahualpa veio dos yanás e curacas revoltosos, ou se mal se importava os espanhóis, mas a sentença foi dada mesmo que chegassem lhamas e mais lhamas carregadas de ouro e que o monarca se adiantasse em dizer que ainda muito mais viria, explicando os motivos do atraso ou que negasse os crimes que lhe era acusado. Muitos historiadores gostam de resenhar sobre a rapidez em que Atahualpa aprendera o castelhano e que Pizarro, encantou-se por sua sabedoria e passava muito tempo em conversações com o mesmo. No entanto em 1533 Atahualpa é condenado a ser executado, na fogueira, por fratricídio e usurpação, entretanto, batizou-se e livrou-se do fogo, mas, no final, acabou sendo morto por enforcamento. Que direitos detinham eles de sentenciar com tamanha rapidez uma figura tão solene e intrigante? Julga-se o maior erro da história da conquista, pois se mantivessem Atahualpa, talvez com o império em unidade, não cairia em tantas revoltas ao longo dos séculos. Mas, não cabe direito de juízo, Atahualpa foi morto e inspirou muitos outros seguintes dele ao longo dos séculos, significando verdadeiras figuras da resistência indígena.

No entanto, seria apenas as alianças feitas pelos espanhóis capazes de perpetuar essa dominação? Ruggiero Romano (1993/p.11) explica as formas de conquista usando figurativamente três palavras como título: *la espada, la cruz y el hambre*, e em sua explicação deixa a entender que além do poder bélico, três elementos de extrema importância possibilitaram a conquista: a nova religião, a desestruturação e a transculturação. Ao que cabe a história desses índios nos próximos anos, e também nos séculos seguintes, as revoltas nunca cessam, principalmente contra os espanhóis. A avidez desses por metais preciosos e por extorquir quaisquer riquezas era tenaz, caracterizando-os das mais terríveis ações de exploração do trabalho escravo. Inicialmente, sabe-se que saquearam templos, monumentos, palácios. Tudo, não importando delicadeza ou fineza na peça ou do artista, era derretido e contado em peso. Depois, usava-se o trabalho forçado dos índios, assim como a mita, no entanto não havia um tempo justo de trabalho para esses, e as condições eram deploráveis. O erro de

quem aliou-se aos estranhos de pele branca evidencia-se com a dominação desses. Os que se aliaram arrependem-se, devido aos maus tratos causado por esse novo inimigo mortal. Mas, como essa dominação foi tão massiva e possível? O poder bélico dos espanhóis era absolutamente mais avançado, os cavalos, o aço, o ferro, o fio da espada e a pólvora sem dúvida fizeram a diferença, mas há também uma arma simbólica muito destrutiva, a cruz.

É possível relacionar as profecias obtidas anteriormente a chegada dos espanhóis com uma certa aceitação dos mesmos. Inicialmente a imagem desses como seres divinos se misturavam. Essa imagem pode até desfazer-se com o tempo, no entanto ao vencer personagens como Atahualpa, o qual batizou-se antes de morrer, induziu a outros membros importantes da política a adotarem o mesmo procedimento. No caso dos Incas, muitas vezes, esses membros importantes eram os chefes religiosos que serviam de exemplo para o resto da população. E no caso de muitos, batizaram-se mesmo que não condenados a morte, pois quem não é cristão, é inimigo de Deus, e para conquistar um povo, pra dominá-lo, basta destruir sua cultura, destruir sua religião e impor-lhes a sua.

As igrejas são erguidas nas Américas, muitas vezes em ruínas doutros templos, o triunfo zombeteiro sobre os outros deuses, e o evangelho pregado sobre a população, que mesmo ao batizarem-se, reage como um fracasso em acolher verdadeiramente a nova religião. Ajoelham-se, rezam, e confessam-se por obrigação. No entanto a antiga fé também padecem de suas preces. Enfraquecidos de fé, enfraquecem os ânimos.

Não só a transculturação reside como o mal que recaiu sobre os indígenas. Entre guerras, revoltas e fugas de um território a outro, e a caça de uns pelos outros impuseram os índios a se realocarem em territórios a quais não estavam acostumados, que por muitas vezes foram fatais para a sobrevivência desses. As doenças trazidas pelos europeus também colaboram para dizimação dos índios nas Américas.

Tanto a nova religião, novo território, novas doenças todas trabalharam juntas para a ruptura da ordem da vida desses indígenas, que desestabilizados tornam-se mais fracos, mais impotentes e expostos seus pontos fracos. Sem dúvida o impacto psicológico pesa enormemente com esses fatores, mas não obstante já os pesava ao verem seus objetos de mais valor, não o ouro, mas as obras feitas dele, serem destruídas com tanto desprezo e demérito.



### 3. As consequências na vida dos Indígenas

Os novos modelos de trabalho, o típico modelo mercantilista, engendrado de lucro e acúmulo ao qual caracteriza a idade moderna e que a descoberta da América proporciona como marco para a chegada torna árdua a vida dos índios. Frei de Buenaventura de Salinas y Cordoba chega a clamar em suas memórias ao rei da Espanha.

(p.173)

*Nestas mitas, é lastimável ver trazerem os índios, de cinquenta em cinquenta, ou de cem em cem, enfileirados como malfeitores em correntes e argolas de ferro, enquanto as mulheres, e filhos e parentes os vão seguindo, em despedida dando gritos aos céus, arrancando os cabelos e cantando em sua língua canções tristes, lamentações lúgubres, sem esperança de voltar a tê-los, porque ali ficam e morrem infelizmente nas cavernas e labirintos de Guancavelica. (SALYNAS Y CORDOBA, apud COLL, 1986)*

O Frei chega exemplificar em fato ocorrido de um índio que de volta da mita, encontra sua esposa morta, e seus filhos órfãos e no mesmo dia, pede-lhe o Kuraka que volte a mita mesmo que de luto, mesmo que exausto e de trabalho cumprido, pois não tinha índios suficientes a inteirar a mita, este que lhe responde entristecido com um infanticídio seguido de suicídio, pois “entregando sua alma aos Demônios para ver-se livre da opressão das minas.” (COLL, 1986). Não só esse caso, mas muitas foram as mães que optaram pelo infanticídio de seus varões no intuito de poupá-los da vida que viviam.

Os trabalhos na mita passaram a ser exaustivos e fatais, os índios, que em um século levaram para retirar todo seu tesouro das minas, em que os espanhóis levaram apenas alguns anos para saqueá-los, deviam retirar de profundidades mais mortíferas a demanda da ganancia espanhola. Respiravam metais, e carregavam seus pulmões, e os quais não morressem disso, morriam por acidentes ou exaustão. Não havia escapatória, por isso o suicídio não parecia tão alheio.

(p.173):

Havendo chegado ao vale de Xauxa um índio que voltava da mina de Guancavelica para descansar, encontrou morta sua mulher, enquanto seus dois filhos de idades quatro e seis anos estavam em casa de uma tia. Logo em seguida chegou o curaca querendo levá-lo outra vez para a mina e lhe disse: \_Gostaria de te ajudar, pois acaba de sair da mina e te achas viúvo, com dois filhos para sustentar, fraco e consumido pelo trabalho que tens passado, porém não posso, porque não encontro índios para inteirar a mita. E se não cumpro o número, me açoitarão, me queimarão, e beberão meu sangue. Por isso te peço

que volte à mina. Respondeu o índio ao seu curaca: \_Tu és aquele que não se compadece nem com teu sangue, pois vendo-me tomado de pó, tendo encontrado morta minha mulher, com estes dois meninos para sustentar, sem terras para semear nem roupas para vestir, me fazes tal agravo. E vendo que o curaca não usaria da razão e justiça, tomou seus dois filhos e os levou para uma légua do povoado, abraçou-os e beijou-os ternamente, dizendo-lhes que queria livrá-los dos trabalhos dos trabalhos que ele passava. Tirando dois cordões, colocou-os em suas gargantas, e se fez verdugo de seus próprios filhos, os enforcou em uma árvore. E assim que chegaram o padre e o curaca, tirou uma faca de carnear e a cravou na garganta, entregando sua alma aos demônios para ver-se livre da opressão das minas.

(Frei de Boaventura de Salinas y Cordoba apud COLL/1986 p.173).

Todavia, essas imposições dos estrangeiros manterão acesa a fagulha da resistência por mais alguns séculos.

(p.154)

Os conquistadores, e principalmente Pizarro, tiveram o cuidado de impedir que não se escrevesse uma narração verídica e circunstanciada do que havia sucedido em Cajamarca, a fim de que nem nas outras colônias, nem na Espanha, se conhecessem seus crimes.

(Monsenhor Federico Gonzalez Suárez, Arcebispo de Quito apud. COLL/1986).

#### **4. A Resistência Indígena e A Rebelião de Túpac Amaru**

Não omitir as resistências contra o domínio espanhol pelos séculos seguintes a conquista pode servir para o entendimento de que algo de fato estava acontecendo que não permitia que os índios se conformassem com a colonização.

Seguido da morte de Atahuapa, outros índios constituíram o exército de revoltosos contra os espanhóis ao longo dos séculos, a começar por Rumiñahui, irmão de Atahualpa, QuizQuiz, capitão dos ministros de Atahualpa, Manco Capac, que dos seguidores de Atahualpa seria o considerado o último para encerrar em 1572 a tentativa dos partidários de Atahualpa que lutavam pela reunificação do império. No entanto no século XVII levantariam-se mais uma vez os índios inconformados, como exemplo Juan Santos Atahualpa Apu Inca, que esteve em conflitos com as autoridades por dez anos.

Durante todo o sec.XVIII continuaram as cobranças de impostos e dos trabalhos da mita, responsabilidades de administração ainda dos curacas, mas que seguiam as ordens dos dominadores. Além das práticas de trabalhos forçados e das extorsões que

levavam os índios a miséria, carregadores enviados diretamente das metrópoles, responsáveis pelas questões civis e criminais detinham a permissão de Fernando VI de praticar uma espécie de comércio, chamado *reparto*, qual a prática estabelecia-se na compra obrigatória pelos indígenas de mercadorias de baixa qualidade, inutilidade e por preços superestimados, mercadorias essas como meias, vestidos de veludos, alfinetes, baralhos e etc. As somas altas investidas nesses produtos levavam ao endividamento para toda a vida. Galdino Flores(1994) explica o momento em 1780 como um momento em que o mercado interno era escasso e necessitava de impulso, no entanto o impulso dado ao mercado foi a política do *reparto*, por quais os índios não podiam pagar, acabavam por se endividar-se e eram forçados a vender suas forças de trabalho como pagamento em minas, obrajes e fazendas. Estimulava-se assim, tanto o mercado de bens, como de labora.

Os abusos vividos sempre motivaram rebeliões ao longo desse século, a rebelião liderada por Juan Santos Atahualpa Apu Inca, que durante 1741 até 1751, apesar de não conquistar nada e ser fortemente reprimida pela presença espanhola, despertou a esperança e a luta por parte dos seus, como no caso de José Gabriel, auto intitulado de Túpac Amaru, seu pseudônimo Inca, que lutou com a ajuda de sua companheira Micaela Bastidas Pucyucagua.

Túpac Amaru , conhecido como Túpac Amaru II, era senhor cacicado de Tinta, com Surinama, Tangasuca e Pampamarca por ter descendência direta com o ultimo inca legítimo, motivo de seu nome, Túpac Amaru I. Não era pobre, mas educado a maneira nobre Inca e observador das injustiças, se rebelou contra as condições vividas pelos pobres e pela tributação que também lhe afligia pesadamente.

Os principais reclames de Túpac Amaru seria a expulsão dos espanhóis, com a supressão do *reparto*, da influência dos carregadores ou quaisquer influências do monarca espanhol; A reinstituição do império incaico com a continuação da dinastia da aristocracia cuzquenha; e finalmente a introdução de câmbios sustentáveis, com o fim das mitas, das grandes fazendas, das alfandegas e dos postos de controles, ou seja, liberdade de comércio. Apesar da liderança ser feita pelos nobres incas e curacas, necessitou do campesinato para se tornar possível o levante, e assim com eles se juntaram não só os índios pobres, como mestiços e principalmente os crioulos. Assim viveriam em harmonia negros, índios, mestiços e todos aqueles que não forem espanhóis.

O senso comum que descreveria o Inca Túpac como um guerrilheiro de interesses próprios, pois ele mesmo não seria de origem pobre, mas que gostaria de enriquecer mais, sem o pagamento de tributos tão altos e de se elevar-se como imperador inca ao reestabelecer a antiga ordem. No entanto a realidade sonhada para os índios era o fim das mitas e principalmente dos trabalhos árduos nas minas de ouro, que levava a tantos índios a morte. A imaginação popular recriava o Tahuantinsuyo como uma sociedade mais igualitária, composto apenas por camponeses pequenos, livres dos grandes comércios e sem as autoridades coloniais, características essas vindas da modernidade que desenrolava na Europa graças as conquistas dos povos andinos e da América, a qual Dussel resenha em 1492. Em o mito da modernidade, Dussel (1993) destrincha que os processos de dominação espanhola legitimaram o espírito modernizador. A dominação da América com imposição do ideal europeu, a aniquilação dos costumes nativos é exemplo mais puro da visão de si mesmo que a Europa detinha. Unidos da falácia desenvolvimentista e da visão eurocêntrica o conquistador obteve explicação para matar, estuprar, dominar e dizimar, ignorando o outro, pois não se estabelecia nenhum diálogo com o Outro.

Embora passasse quase dois séculos da conquista, o índio não habituou-se a imposição e crueldade espanhola, exemplo disso é a rebelião tupamara que manterá viva sempre a chama revolucionária nos povos andinos.

A ação guerrilheira de Túpac Amaru começa com uma viagem a Lima no intuito de, por meio dos parâmetros legais, conseguir suprimir a mita que oprimia seus compatriotas. Evidentemente o inca não fora ouvido, entretanto em sua viagem fez aliados que concordavam com sua causa, e apesar de sua primeira ação não contar com nenhum aliado, salvo sua esposa Micaela, o sequestro do corregedor da Tinta possibilitou que reunissem-se os que fariam parte da futura causa.

Túpac Amaru conduziu o inimigo até Tangasuca e o obrigou a assinar várias cartas, uma delas possibilitou-o que adquirisse armas e dinheiro, outras que se reunisse o povo em que o cacique pode explicar-lhe sua ideia e armar sua causa. Após fazer justiça ao carregador, opressor de seu povo, uma onda de entusiasmo e de aspiração a liberdade varreu os povos andinos. Daí por diante juntam-se a ele também os escravos libertos graças ao “Grupo de Libertação dos Escravos”, índios mestiços e outros negros, todos a favor da causa do inca Túpac, todos os que repudiavam a exploração a ele juntavam-se.

Sua luta se caracterizou inicialmente por saques a obrajes e distribuição dos armazenamentos desses. A primeira batalha de guerra foi em Sagarara, onde os rendeu e primeiramente, sugeriu que se rendessem, diante da negativa, atacaram e os realistas fracassaram em resistir. Fez-se chegar notícia a Cuzco, que vinha desprovida de contingente bélico, no entanto, talvez o erro que fez com que a revolução não ganhasse dos realistas fosse fundamentalmente esse, pois ao invés de atacar direto a Cuzco foi-se pro sul, onde apesar de mais gente juntar-se a causa, deu tempo aos cuzquenhos que adiantaram-se. Em 1781 quando Tupac Amaru, sua esposa e seu primo-irmão fizeram intenção de cercar Cuzco, a cidade já estava preparada para receber o ataque, além da vantagem desperdiçada, entre os seus escondiam-se traidores e muitas vezes os tupamaros foram traídos por falsos partidários e apesar de ter havido cerco durante oito dias, percebeu-se o inca da mortandade dos seus e retirou-se na espera de momento melhor.

Com a retirada, os realistas puderam organizar-se e encontrar dentre os tupamaros traidores que lhes trariam a vitória com a captura de Túpac Amaru. A derrota das tropas deveu-se a muitas traições, dos falsos partidários, como daqueles que assinalavam seu caminho aos realistas que o caçavam, e em 6 de abril de 1781, Túpac foi capturado por um mestiço traidor, traidores também os que capturaram seus filhos e esposas, sendo que no dia 18 de maio fez na praça maior de Cuzco a sentença de morte dos tupamaros, obrigando o herói assistir a morte de todos para finalmente a sua, em que abriram-lhe a força a boca para cortar a língua, depois tentaram desarticular seus membros presos a cavalos, mas seu corpo não cedeu e tiveram de decapitá-lo.

Esse pequeno resumo de sua história pouco conta sobre a mística que envolvia o herói, mas após sua morte seu povo e seus seguidores seguiram sempre lutando pela liberdade

## **5. Inferiorizar por intermédio de “raças”.**

Em seu texto a *Colonialidad del poder*, Aníbal Quijano(2000/p.199) salienta que o grande extermínio dos índios no início da colonização da América não teria se dado pela violência da conquista em si, nem pelas enfermidades e realocações sofridas pelos índios, mas principalmente pela utilização do trabalho obrigatório aos índios até que morressem. Motivos esses sempre presentes nos levantes, nas guerrilhas contra os

espanhóis, motivos esses também que tornava preferível matar seus próprios filhos e a si para resistir a essa vida de castigo.

Quijano vai chamar a atenção para a constituição da América e do capitalismo colonial moderno e eurocêntrico como um novo padrão mundial de poder, sendo que o principal fundamento desse padrão de poder vem da classificação social da população mundial por raças, o que é totalmente expressada pelo caráter de dominação ocorrido na conquista da América.

A diferença entre raças se dá provavelmente com as relações de domínio de conquistador e de dominado, que no caso da América é entre europeu e índios, mestiços e negros. Quijano explica uma trajetória em que antes não teria uma distinção exatamente de raça, mas que isso viria a partir da descoberta da América, em que por meio de traços e fenótipos seria traçada uma distinção dentre os dominados e os dominantes. A definição de raça seria a partir desse momento, instrumentos de classificação social básica da população.

Com a conquista da América, os traços e principalmente a cor passariam a ser a distinção básica de raça. A expansão colonial da Europa sobre o resto do mundo leva o mundo a uma perspectiva eurocêntrica em que a Europa seria o centro do mundo e os demais continentes a periferia, o que significa para a nova classificação de raças que o continente americano periférico seria de raça inferior ao do continente europeu.

A dominação sofrida pelos povos no continente americano possibilitou a afirmação desse eurocentrismo e dessa afirmação de raça, inferiorizando as culturas, ciências, civilidades, das etnias encontradas nesse continente e de qualquer outro que não o europeu, como no caso das etnias que compreendem os negros os índios os mestiços e os demais não brancos. A exemplo disso Quijano nos alerta para o tipo de trabalho, que como trabalho remunerado, competia somente ao branco, enquanto as outras raças cabia o trabalho escravo, o trabalho forçado das mitas, como os trabalhos realizados pelos índios como forma de pagamento de endividamento eternos, nos quais esses caíam por artimanhas dos carregadores citados anteriormente.

E à essas injustiças, os tupamaros e outros que se levantaram após Túpac Amaru, lutaram contra, lembrando-os uns aos outros, como lembrando a todos, para não ceder e entregar-se a essas falácias da modernidade, mitos sobre inferiorização das etnias, das culturas, ou diferentes tipos de civilização. Contra o mito de raças.

## 6. Considerações finais

A prática desse trabalho rodeia os mecanismos de conquistas observados pelo lado dos vencidos, tentando encontrar os motivos que fizeram com que, em menor número os espanhóis conseguissem conquistar, dominar e preservar o controle do território Inca.

As guerras civis entre etnias que compunham o heterogêneo território Inca foram de início triviais para a captura de Atahualpa, unificador do império, no entanto, o que fez prevalecer a força dos espanhóis foi a utilização dos mecanismos mais elaborados de dominação. A realocação dos povos em diferentes territórios, a manipulação dos curacas que anteriormente salvaguardavam os índios, as doenças trazidas e indubitavelmente o genocídio causado pela violenta ação dos espanhóis, colaborou para o enfraquecimento dos povos andinos. A nova religião que lhe impuseram, os trabalhos forçados e a elaboração de um conceito e sentimento de raça resignificaram suas culturas e histórias a ponto de desorientar sua autoestima, tornando-os mais propensos a uma espécie de resistência por intermédio de abandono a vida. No entanto, a contínua violência com que foi tratada o povo não branco da América, fortaleceu-os de alguma maneira para que continuassem lutando contra a dominação espanhola.

Por mais que todos esses mecanismos garantissem a permanência dos espanhóis no continente americano, a resistência indígena agiu como forma de contra fluxo da legitimação eurocêntrica. Estudar quais os mecanismos de conquistas, mostra como esses guiaram os próprios conquistados para uma sobrevivência de seus costumes e valorização de sua história e ascendência, desnaturalizando o sentimento de superioridade de raças que se previu como o maior dos mecanismos de conquistas que permeiam as sociedades latinas americanas até os dias de hoje.

## 7. Referências

COLL, Josefina Olivia, *A Resistencia Indígena* do México à Patagonia, a história da luta dos índios contra os conquistadores. L&PM Editores Ltda. Rio Grande do Sul, outono 1986.

DUSSEL, Enrique, *1492: o encobrimento do outro. A origem do "mito da modernidade"*, Editora Vozes, Petrópolis 1993.

FLORES GALDINO, Alberto, *Buscando un Inca- Identidad y utopia em los Andes*. Editorial Horizonte, edición, Lima,1994

FAVRE, Henri. *A civilização Inca*, UDESC Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina” in: EDGARDO, Lander (comp.). *Colonidad del Saber eurocentrismo y ciências sociais perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

ROMANO, Ruggiero, *Mecanismos da conquista colonial*, Ed. Perspectiva S.A. São Paulo 1973.

WACHTEL, Nathan. “Os índios e a conquista espanhola” In: BETHELL, Leslie, *História da América Latina*. Edusp-Editora da Universidade de São Paulo, 2008.